

Juvicta

Rev.

166

A.

41

ANC X

Juvicta Cine

N.º 161



JANINE GUISE

SEMANARIO ILUSTRADO
DE CINEMATOGRAFIA

PREÇO

50
c^{os}



INVICTA-CINE

SEMANÁRIO ILUSTRADO DE CINEMATOGRAFIA

«SINGRANDO CONTRA
TODAS AS PROCFLAS»

DIRECÇÃO E EDIÇÃO DE:
ROBERTO LINO
E
SOUTINHO D'OLIVEIRA
REDACTOR PRINCIPAL
ALVES COSTA
ADMINISTRADOR:
JOAQUIM TEIXEIRA
PROPRIEDADE DA
EMPRESA INVICTA-CINE

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
(PROVISORIAMENTE)
RUA DAS MUSAS, 45
PORTO (Portugal)

A N O X
Numero 161
PORTO
19 DE MARÇO
1932

COMPOSTO E IMPRESSO NA
TIP. EMP. DIARIO DO PORTO

REDACTORES:

LISBOA: Fernando Barros
— e Aguinaldo Machado —
PARIS: Daniel Maybon, Robert
Gaillard, Geo Poirier e Maurice
— — — Hiléro — — —
NOVA-YORK: Artur Coelho
BERLIM: Simon Haimovici
VIENA: Fritz Miko
ROMENIA: Samuel Steinberg
Colaborador Artístico:
Fernando Lacerda

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

VISITE

A NOVA SECÇÃO DE
PORCELANAS
DA CHINA E DO JAPÃO

RADIO-PORTO

Avenina dos Aliados, 156 a 162



Anita Page, Madge Evans e Joan Marsh animaram-nos, com o seu sorriso encantador, na organização deste número comemorativo que é, para nós, o fruto de nove anos de esforços e tenacidade

Décimo Anão!

Entramos hoje no décimo ano de existência! Vocês avaliam bem o que representa manter em Portugal uma revista de cinema durante nove anos já completos?

Vocês imaginam o esforço e a tenacidade de que é preciso dar prova? As desilusões que é preciso sofrer? A força de vontade que é preciso possuir? A teimosia que é preciso empregar?

Mas quando se chega até aqui, por muito árduo que tenha sido o caminho, quando vemos escancaradas diante de nós as portas do décimo ano de vida, esforços, desilusões, teimosias, aparecem-nos bem pagos pelo prazer imenso de ver «INVICTA-CINE», nove anos depois de ter sido posto à venda o seu primeiro número, vogar ainda incólume no mar arriscado da imprensa cinematográfica portuguesa, mar perigoso onde melhores barcos do que o osso teem sossobrado!

Quando um dia nasceu a ideia de dar à luz da publicidade esta revista e quando foi preciso baptizá-la, não foi indiferentemente que lhe chamamos «INVICTA-CINE». Duas razões houve: Primeiro, por um bairrismo perdoável, dar à nossa revista o nome da nossa cidade. Segundo, por um orgulhozinho hoje justificado, chamar à nossa revista o que nós queríamos que fosse: invicta.

Esse orgulhozinho mantemo-lo ainda hoje.

«INVICTA-CINE» tem sofrido dias maus, muito maus, como tem passado dias felizes e de desafio; mas quer nos momentos difíceis, que para nós figuram como noites escuras, quer nos melhores momentos, que são para nós dias de sol radiosos, a nossa revista, sustentada pela nossa fé, pela nossa vontade inquebrável, pela nossa teimosia persistente, tem saído vitoriosa sempre, ainda que trilhando sózinha, sem encostos que a amparem, o alfazar da imprensa cinematográfica!

Que nos perdoem, mas, ao entrarmos no décimo ano de vida, sentimo-nos orgulhosos do nosso esforço tenaz, sentimos em nós a alegria imensa que uma mãe não pôde conter ao acarinhar um filho querido que ela criou, às vezes a custo, mas que criou e que é hoje crescido e forte!

Ao nosso orgulho, misturamos o nosso maior reconhecimento por aqueles que com a sua amizade e dedicação nos ajudaram a vencer. Assinantes, leitores, anunciantes, amigos: muito e muito obrigado.

Quando baptizamos a nossa revista, fizemo-lo cheios de esperança no futuro, armados duma fé enorme, e lançamo-nos na luta. Colhemos hoje o primeiro grande troféu da nossa vitória: a convicção de que a nossa revista, tendo apenas a defendê-la a nossa firme vontade, foi... e será sempre, «INVICTA!»

Claire Dodd faz parte do silêncio de «Asas Partidas»

mais lindas mulheres de Hollywood, foi escolhida para tomar parte no filme de aviação Broken Wings ou, como o diríamos em português «Asas Partidas». O papel desempenhado por Miss Dodd é um dos mais importantes daquele filme.

Miss Dodd é relativamente nova na arte do filme, pois ha apenas um ano que foi contratada pela Paramount.

O filme «Broken Wings» é um tanto ou quanto melodramático e nele trabalham, em posição de grande relevo, artistas como Lupe Velez, Leo Carrillo e Melvyn Douglas. Miss Dodd fará as vezes da «esposa» de Douglas, nome de que ela se serve para chegar aos seus fins.

Claire Dodd fez parte, ha pouco tempo, da revista de Ziegfeld, e desde que entrou para o cinema já a vimos em «Two Kinds of Women», «Mercadoras de Afecto» (Girls About Town) e «Uma Tragédia Americana».

Como êles se conheceram. . . E' sempre objecto de curiosidade saber-se como dois jovens se conheceram, se amaram e . . . casaram.

Edmund Low e Lilyan Tashman amaram-se à primeira vista (quem o diria!) e daí resultou o feliz casamento que ainda hoje dura.

Edmund viu a sua futura esposa de uma poltrona do teatro Ziegfeld, em Nova York, onde Lilyan Tashman trabalhava. O rapaz gostou da actriz à primeira vista, mas a sua admiração não foi além de um olhar persistente, e nada mais.

Tempos depois, porém, quizeram os fados que Lilyan fôsse apreciar uma peça teatral em que Edmund figurava como protagonista. Ela também sentiu pelo actor o que êle já sentira pela «desconhecida» actriz.

Depois, por meio dos bons officios de amigos, conheceram-se os dois, e a igreja teve um novo casamento a celebrar. . .

George Stone no «Novo» de Bancroft

Foi no filme «Cimarron» que George Stone se estreou nos «talkies». Depois de alguns anos de franco exito no palco de variedade, em Nova York, Stone decidiu-se definitivamente pelo cinema falado. Em «Cimarron» coube a George Stone o papel de Solomon, um dos personagens mais simpáticos daquele filme.

Trabalhando no cinema ha só três anos, George Stone tem na próxima produção de Bancroft o seu papel de maior importância. Em «O Mundo e a Carne», que assim se poderá traduzir «The World and the Flesh», veremos Stone como colaborador de primeira linha de George Bancroft e Miriam Hopkins.

A música e o cinema falado Desde o início do cinema vocal e dos filmes musicados que se diz que a cinefonia tem que mais cedo ou mais tarde moldar-se inteiramente nas bases da música, quando não seja para a filmagem de operas, pelo menos para que haja em cada filme ou na maioria dos filmes um pouco de música escolhida e boa. Com os primeiros filmes falados vieram a público infindáveis trechos de «cantarola», que nem sempre agradavam; os filmes de motivo musical, que não foram poucos, seguiam pela mesma norma.

Mas, convenhamos, isso foi no início do cinema falado, quando a invenção, em constante processo de melhoramento, não podia ainda dar de si o que dela se esperava. Hoje, que o filme sonoro já atingiu um tal estado de perfeição que ninguém mais duvida das suas illimitadas possibilidades, o uso da música em certas histórias pode-se ter como certo, pelo menos, é esta a opinião dos grandes cinematografistas norte-americanos.

Carta da América

por Artur Coelho

Hollywood continúa a atrair os melhores musicistas e é lá que actualmente se concentra o elemento musical do cinema. Mais de uma vez temos visto, recentemente, filmes em que a música desempenha papel preponderante, como por exemplo, «O Tenente Seductor», em que o violino de Claudette Colbert tão lindamente se fazia ouvir.

Para que pouco a pouco, de acordo com o favor público, se vá operando esse «rival» da música pelo filme, estão os estúdios a trabalhar em produções de ampla significação tonal. Assim, tem a Paramount em vias de execução uma nova fita de Chevalier e Jeanette MacDonald, «Ama-me esta Noite» (Love me Tonight), na qual é a música de grande importância.

Oscar Strass, autor da famosa opereta «O Soldado de Chocolate», está escrevendo a partitura de «Ama-me esta Noite», como dêle também foram as musicas do «Tenente Seductor».

«Em «Uma Hora Contigo», filme de Chevalier-MacDonald que se vai exhibir por estes dias em Nova York» explicou Mr. Schulberg, director do estudio Paramount ao falar dêste assunto — «tivemos em vista que a música naquelle trabalho empregada dissésse passagens do argumento; mas na próxima fita de Chevalier, isto é, em «Ama-me esta Noite», a música terá maior significação artistica do que explicativa. Será música pela sua qualidade musical», concluiu aquella autoridade cinematográfica.

Ainda sôbre o assunto da música no cinema, podemos desde já apontar «O Homem que Matei» que, apesar do seu título, termina com uma deliciosa reunião musical, obrigada a violino e piano.

Seja como fôr, aconteça o que acontecer, não se pode negar que a cinefonia dispõe de campo mais vasto do que o exigido cinema de outrora, e a música, sua companheira inseparável, ha de ter nela sempre a sua parte de realce.

Écos do estudio Paramount Helen Gahagan chegou a Hollywood para visitar o marido, Melvyn Douglas, que trabalha em «Asas Partidas», filme no qual aparece a vibrante Lupe Velez.

—Chester Morris acaba de adquirir o que Hollywood considera uma alta novidade: um «camariim portátil». Mas, para uso no estudio. Não se pense que Morris vai mudar de roupa nas esquinas da cidade do filme.

—George Bancroft aparecerá escanhado em «O Mundo e a Carne», o seu próximo filme para a Paramount.

—Paul Lukas acaba de chegar de Nova York, aonde foi em gozo de férias. A sua última produção, como galan de Ruth Chatterton, é «Tú Serás Mãe» (Tomorrow and Tomorrow), na qual ele faz as vezes de um médico vienense.

—Gary Cooper a estas horas está na Africa, aonde o levou o seu apreciado desporto da caça. Dizem que Mr. Cooper prometeu uma péle de leão a certa colega de cinema. Oxalá não a vá comprar aos «antiquarios» de Cape Town.

—Lorentz, o conhecido crítico cinematográfico de «Judge», disse que Sylvia Sidney é a melhor actriz da téla. Estamos de pleno acordo.

—Miriam Hopkins, a linda loira do «Tenente Seductor» e do «Medico e o Monstro», está fazendo uma estação de aguas em Palm Springing.

—Fay Cameron, conhecida pela «double» de Greta Garbo, é uma figurante em «Dança no Escuro», filme de pronta estreia.



RICHARD CROMWELL e SALLY BLANE em «Almas do Diabo»



BARRI NORTON e ALCANIZ JUANA em «O Pecado Acusa»



LILIAN HARVEY na cine-opereta da Ufa - "Dois Corações a Compasso,, que brevemente será apresentada em Lisboa e Porto

A Música no Cinema

Sobre a importância da música no cinema sonoro já muito se tem escrito, mas muito ainda há que dizer. A matéria é discutível em múltiplos aspectos, que ocorrem variegadamente, mas pouco se tem dito sobre a sua influência nas massas populares e das razões dessa influência. O motivo dessa falta encontramos-lo na carencia de argumentos históricos da música.

Oportunamente, metodizando os assuntos, iremos mostrando aos nossos leitores, as razões dessa influência, em alguns dos seus aspectos primaciais.

O anseio pelo que é belo constitui uma força dentro de nós próprios... uma força que conforta, que suaviza, uma força que é balsamo na vida de tormento e luta nesta época que se atravessa...

A música é, sem duvida, uma dessas forças... e tão redentora na vida do homem como pode sê-lo um movimento de tendências morais. Mais do que isso:—a música pode tornar-se um elemento alevantado na educação e na cultura do povo.

Ela encerra ideais emotivos que não se buscam em sangrentas trincheiras, em cobertas de caravelas conquistadoras, nos caminhos das cadentes areias do deserto ou nas inhóspitas regiões polares, pois há heróis e idealistas, poetas e amantes do Belo, artistas verdadeiros amantes e aficionados da música, junto à lareira da casa mais humilde. Não é preciso entendê-la para a gozar; não há necessidade de a lêr, como se leem palavras e palavras para se disfructar o que encerram os livros. Não se necessita saber os seus traços e as suas convenções como é mister saber da pintura e da escultura...

Todas as esperanças, os temores, as alegrias, as tristezas as emoções ocultas... toda a humanidade material e espiritual se acha expressa na música, que não tem limites, que não tem fronteiras, pois é de todos os povos e de todas as raças, as mais ligadas e as mais opostas...

Por isso, a sua função no cinema sonoro impõe-se como arte universal, cuja linguagem todos compreendem, sem ser necessário traduzi-la.

Ela é para muitos um prazer de primeira necessidade e para outros um ruído desnecessário e desagradável!

Para quê escarpelizar este conceito se na sua síntese, na sua extrema simplicidade, êle define uma verdade incontestável? O nosso cerebro escusa de imaginar para lhe dar formas—como na pedra bruta o cinzel do artista a operar maravilhas...

De facto a música é tomada por uns—reporto-me em especial aos idealistas, aos poetas da música—como uma essência divina a evolar-se dum turbulo sagrado... Vão para ela, assodados, como os viciados para um «fumo» de opio, para se narcotizarem de extase e sonho... e deixa outros na mais absoluta indiferença, sem que se sintam impressionados pela sua beleza, sem que se detenham a escutá-la. Aqueles, ao ouvi-la, sentem que se lhes desperta no intimo um novo mundo de sensações, de mistérios, de arrebatamentos, onde deambulam outras almas e outras vidas filhas duma fantasia linda... Veem outra Natureza, mais divina que a da Terra, onde as serenidades se verificam em ruídos, onde falam os proprios segredos... O perfume é sonoridade, o sol uma cantiga a sombra uma sinfonia... e até as estrelas tremeluzem

em melodias. Julgam-se num mundo extraordinário, de atmosfera subtil, onde os corpos pos-



suem a fluidez das almas... onde as proprias lagrimas são perolas sonoras.

A sensibilidade toma, assim, um rumo enigmatico de sentimentos ignorados em longinquos horizontes...

Os outros poucos são eles!... definem-na com indiferença, com um encolher d'ombros... quando não fogem dela como duma sombra perseguidora, que os desespera...

Descrever a música em todas as suas particularidades e em todos os seus reflexos seria tarefa árdua, esgotante, interminável.

Todo o genero de música, intuitivamente se demonstra e segundo se tem apreciado, tem ou pode ter função primacial num filme:—a música popular, de dança, de concerto, descritiva, sinfonica... Toda ela, nos seus ilimitados recursos, define ou pode definir, quando aproveitada com intelligencia, não só as mais extravagantes «nuances» da acção como o caracter da interpretação.

E' um inexgotavel recurso do cinema!

Uma simples canção enquadrada em meia duzia de versos pode tornar-se um motivo-acção dum filme, como uma quadra pode ser o motivo duma novela ou, mesmo, dum romance.

A música nativa, na sua integridade sincera— a mú-

(Conclui na página «De Lisboa».)

“Invicta Cine”

apresenta as
primeiras imagens
do



grande fonofilme

“Atlantide”

que G. W. Pabst
está dirigindo
presentemente
nos



estudios da
“Nero - Film”
em Berlim

A historia de FLORELLE

É aos cinco anos que Florelle, cujos pais estão arruinados vem viver para Paris, cidade-íman, que atrai todos aqueles que deman'tam os mares da Sorte e da Fortuna. Mas a vida torna-se para eles cada vez mais difícil, e para conseguir um pequeno aumento ao budget da familia, a mai vê-se obrigada a empregar-se num teatro. É frequente levar a filhita com ela e, sem muito tardar, esta nova atmosfera atrai e enebria a criança. Dentro em breve será uma boa amiguinha de todos os actores e, encarrapitada ao pé do electricista, escuta-os quando cantam ou representam para o público, que ela não vê, mas cujos risos, cujos aplausos, cujas vozes chegam até ela.

Em 1911 Flatteau pede para a sua revista, na «Cigale», um rapazito. Florelle reclama o papel, insiste, supplica e consegue obtê-lo. O seu partenaire é Raimu; vestem-nos de igual, como dois irmãos... que não nos atrevemos a chamar gêmeos... e ambos cantam ante uma assistência que os recebe com palmas. A pequena fica radiante com este primeiro successo e decide continuar a cantar. Apresenta-se em diversos theatros donde a despedem mais ou menos indelicadamente... mas... vão lá dissuadi-la Teima, e sem perder coragem e esperança faz novas tentativas até que lhe dão um papel de figurante no «Alhambra». Não é lá grande coisa o que lhe oferecem, mas... é melhor do que nada.

Estála a guerra! O gôsto do público muda, as revistas teem successo e Florelle... vai de vento em pôpa A ragariguita de ontem tornou-se uma jovem deliciosa e—caso imprevisto—fazem-lhe uma publicidade formidavel Imaginem de que o senhor Acaso é capaz: uma noite, quando ela regressava a casa, de taxi, encontra no nterior do auto uma pasta cheia de documentos secretos! Florelle entrega-os no Ministério da Guerra mas todas as investigações para encontrar o proprietario da pasta perdida ou abandonada, são infructíferas. Como não podia deixar de ser o caso teve êco e o nome da atrizinha corre de bôca em bôca Os empresários aproveitam a oportunidade e oferecem-lhe contratos tentadores. E não tarda muito que, Florelle parte em tournée para a América do Sul.

A vida boemia e incerta do continente americano retem-na por muito tempo presa àquelas paragens.

Ao fim de alguns anos volta a França mas embarca de novo. Desta vez parte com a troupe Volterra da qual Mistinguett faz parte. As duas artistas. hoje nesta cidade, amanhã naquela, representam juntas, mas... não se entendem e zangam-se. Todavia, é Florelle, a quem uma bôa estrela ajuda, que substitui Mistinguett no «Moulin-Rouge», quando voltam a Paris Um successo enorme acolhe-a. Florelle deixa-se inebriar por ele, diverte-se, capricha, faz loucuras e... ei-la que parte para Italia. O seu partenaire é o vossó simpático Henry Garat, gentis leitoras, que ela conhecêra no music-hall

Mas o cinema faz progressos imensos, o falante colhe todos os sufragios e novas estrêlas surgem no firmamento cinematográfico

Os actores de music-hall desertam atraídos por Hollywood, como Maurice Chevalier, e percebem ordenados fabulosos. Henry Garat, seguindo o exemplo, é dos primeiros, mal regressado a Paris, a assinar um contrato para ir filmar nos studios da Ufa em Berlim.

Florelle lembra-se que ela tambem já filmou, no tempo do mudo, ao lado de Chevalier. Dirige-se então a Garat, seu ex-portenaire e camarada, pedindo-lhe uma ajudinha. Henry Garat chama-a a Berlim e consegue que a experimentem; Florelle canta em alguns filmes e, por fim, é notada por Pabst. Já é ter sorte!... O grande realizador procura uma actriz para desempenhar o papel de Polly na *Opera de 4 vintens*. O exame de Florelle é concludente; Pabst contrata-a e sob a sua direcção a joven artista revela um enorme talento. De volta a Pa-



FLORELLE

A deliciosa interprete de «Traição» super fonofilme a exhibir brevemente no Porto

ris, cheia de esperanças, é rapidamente contratada pela Pathé-Natan, mas dão-lhe um papel mínimo em *Le Pot-gnard Malais*.

Mas Florelle é dentro em pouco chamada a desempenhar papeis mais importantes: primeiro em *Atout Cœur*, depois em *Faubourg Montmartre*, em seguida em *Vacances*, e finalmente em *Tumultos* (que em Portugal terá o titulo de «Traição») onde ela tem um bellissimo trabalho ao lado de Charles Boyer.

Carreira brilhante e aventureosa a de Florelle!

E que grande futuro se está abrindo, ainda diante dela!

No passado dia 14, suicidou-se, na sua residencia em Rochester (New York,) o famoso multimilionário Georges Easterman, conhecido nos Estados Unidos pelo «Rei do Filme».

Com a morte de Easterman, perdeu o cinema um dos seus maiores colaboradores.

—Howard Hughes, o realizador de «Os Anjos do Inferno», que presentemente está produzindo «Shy Devil», contratou ao Governo Americano o dirigível «Los Angeles, para aparecer neste seu último filme.

—O consul de França, em New York, fez entrega a Adolph Zukor, presidente da Paramount, das insignias da Legião de Honra com que recentemente aquele cinematografista fôra agraciado pelo Governo francês.

—Victor Mac Laglen, foi contratado pela «British au Dominion Film». O seu ordenado semanal é de 90.000 f.

O papel das mãos

no cinema português

por Douglas Fay... banks

Terá algum de vocês um reportório «manual», bem sortido, capaz de sustentar uma conversa, de pé, em frente à *camera*? Ainda que me respondessem afirmativamente, eu não acreditaria, porque os artistas, que são artistas, muitas vezes vemo-los, na tela, atrapalhados, sem saberem o que hão de fazer às mãos. O galã fecha as mãos, mete-as nas algibeiras, acende um cigarro, e depois, não sabendo que mais aplicações lhes dar, sucede o inevitável: começa a atrapalhar-se. A *partenaire* é mais feliz; agarra numa ponta do cinto do vestido, e zás; começa a fazer-lhe pregas do principio para o fim e do fim para o principio, voltando novamente do principio para o fim, e assim sucessivamente ate a conversa acabar.

Ora nós, quando fizermos cinema — o que será próximo—havemos de criar um estilo, uma escola, que os americanos nos copiarão logo que se sintam em decadência. Isso é inevitável. Mas um estilo não se cria com a mesma facilidade com que se cria um vitelo. Essa escola para ser perfeita e completamente afastada dos actuaes processos de cinematografia, será dividida em vários capitulos. Ocupar-me-ei, hoje, pelo capitulo respeitante ao papel das mãos no cinema português.

* * *

Aquela cinéfila que alvitrou (*nas suas colunas...*) a emissão de estampilhas para, com o produto da sua venda, se construir um studio, foi quem levou a primeira estampilha. Mas havemos de ter um studio, sim, senhores. E porque não? Ora essa! Pois até já encomendamos um aparelho de tomadas de som e vamos ter uma cadeira de cinema no conservatório. Vocês verão que o cinema português ha-de ser bestial.

Mas ponhamos de parte o studio, e entremos nos motivos deste artigo. Recomendo-vos que o leiam com muita atenção—mesmo que vocês não queiram fazer cinema, ficam sabendo como se devem apresentar, com decência, numa casa de familia, porque este artigo interessa a todos—menos aos manêtas.

* * *

A cêna passa-se num *cabaret* do *Montmartre*, em Paris, ou no Casino do Estoril. Ha animação, ceia à americana, confetis, serpentinas, mulheres, banqueiros falidos ou a falir, enfim, estão ali reunidos todos os matulões da sociedade elegante—com vocês incluídos, porque teem de filmar.

Agora, um de vocês—tu, por exemplo—vai entrar em cêna. Procura uma sopeira com bôa encadernação e com bastantes joias falsas, e dansas com ela (*anny na alta roda*). Leva-a, no final do baile, para a tua mesa, onde uma roda de amigos te esperam. Sentai-vos, mas toma cuidado com ela, e põe as mãos na carteira (*o misterio da casa forte*). Esta cêna é a ultima do *cabaret*. por esse motivo e por mais outro, é necessário que seja feita com muita atenção. O outro motivo é: ainda que o teu companheiro tenha um fato igual ao teu, não te debes enganar—em vez de segurares a tua carteira, agarrares a dêle, porque daí adviria uma dupla aplicação de mãos a qual seria o policia de serviço deitar-te a mão.

* * *

Tu podes não ter fé e não te chamares Esperança, mas vais à festa de caridade que se realiza, todos os anos, no palacio do Conde Ferreira.

O primeiro que tens a fazer, logo que chegues ao palacio, para que não se inutilize a cêna, é entrares de



HENRY GARAT vai aparecer-nos brevemente
«em Dois Corações a Compasso»

braço dado com a mamã e com o papá. Depois fazes a distribuição dos dois. A mamã fica sentada num maple, a conversar com outras senhoras sobre o novo ponto de *crochet* ou sobre os vestidos de pendurelhos que vocês usam. Levas o papá para o bufete e mandas servir-lhe *champagne* com fartura, e, quando tiveres a certeza de que êle já está borracho, voltas a vêr a mamã que deve estar com os olhos fechados e a roncar mais forte que uma esquadrilha de hidro-aviões, em evolução.

E é, então, começar. Vais para o *hall* e pesquisas um rapaz que te convenha, fazes-te rapariga de hoje e dezafia-o para um *flirt*. Se estás à espera, êle pode ser da seita dos envergonhados, e é cêna monotonica porque nunca mais te faz a declaração. No entanto, se o rapaz corar quando lhe falares, deixa-o, pôde alguém desconfiar que o enganaste, e é um sarilho, não vão obrigar-te a casar com êle.

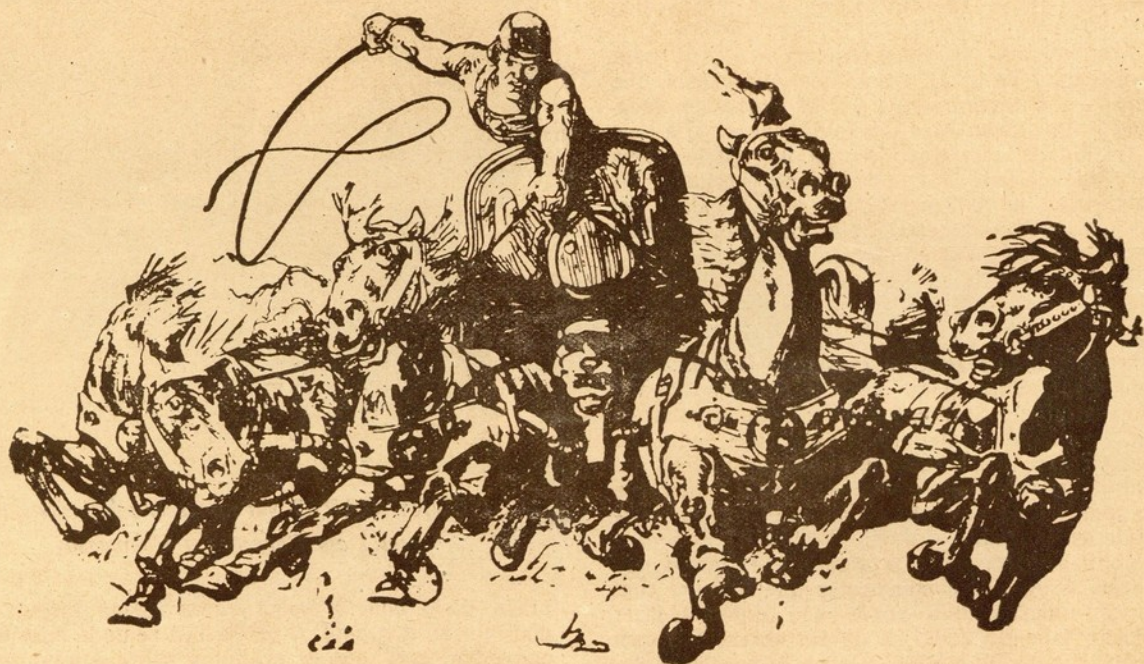
Já sabes, portanto, como has-de arranjar o rapaz. O resto é simples. Um passeio pelo jardim, com o respectivo *kiss me*—que êle compreenderá, se não fôr sonrofo.

O realizador, então, aproveitará um lago do jardim para o infeliz recitar um discurso amoroso, que previamente decorará Nessa altura, tu sentada à beira do lago, ouvindo o amado dizer: o que é obrigado, terás que pôr em prática as minhas lições. Ha, porem, cênas longas demais, e se esta assim fôr, que já esteja todo o reportório utilizado, vais passando as mãos pela agua, fazendo borbolhinhas sonoras. E quando tiveres as mãos geladas, procura enchugá-las—sem ser ao teu vestido ou ao fato do desgraçado. Procura descobrir um processo. Pensa bastante. Se não conseguires descobri-lo, é porque não tens raciocinio, e então, o melhor é limpares as mãos à parede.

A VOLTA TRIUNFANTE DO

BEN-HUR

SONORO



COM

RAMON NOVARRO e MAY MC. AVOY

Realização de FRED NIBLO

ESTREIA EM 22 DE MARÇO NO **TRINDADE**

SUPER-PRODUÇÃO





Carmen Miranda, grande artista brasileira que se tornou extremamente admirada do nosso publico, mercê dos seus discos e de quem a

“HIS MASTER’S VOICE”

apresenta este mez mais duas maravilhosas canções, ao lado de outros discos dos mais consagrados artistas portugueses.

Peçam o suplemento de Março ao **Grande Bazar do Porto, L.^{da}**
Porto — Rua Santa Catarina, 198 = **Lisboa** — Rua Augusta, 150

Hollywood, o polvo babilónico seduzindo o mundo com os seus tentáculos ilusórios, tem um carácter muito íntimo e particular que não é esse exposto aos olhos universais, tão cheio de irresistível sedução. Já se tem falado da sua opressão interna sobre as vedetas e que se estende sobre todos os seus inúmeros obreiros sem excluir mesmo os «metteurs en scène» figuras expostas desse movimento constante de fabrico de sonhos.

Nessa cidade, um homem sómente é senhor da sua vontade, agindo ao seu modo e ao seu belo prazer. É aquele que dá ordens sentado no *maple* do seu gabinete, olhando os mas do «deve-haver» e encarando as coisas pelo seu aspecto mais lucrativo — o capitalista.

O director de filmes, dando ordens, comandando os seus intérpretes e fazendo-se obedecer é todavia um subalterno do empresário cuja vontade há-de ser satisfeita. E nada há de mais amargo, do que um indivíduo, sentindo em si vãos ideais para a concepção de puras obras de arte, vê-se manietado, pela necessidade do ganha-pão, aos desejos ócos e mercantis dum gerente financeiro sonhando apenas com os crescentes da capital.

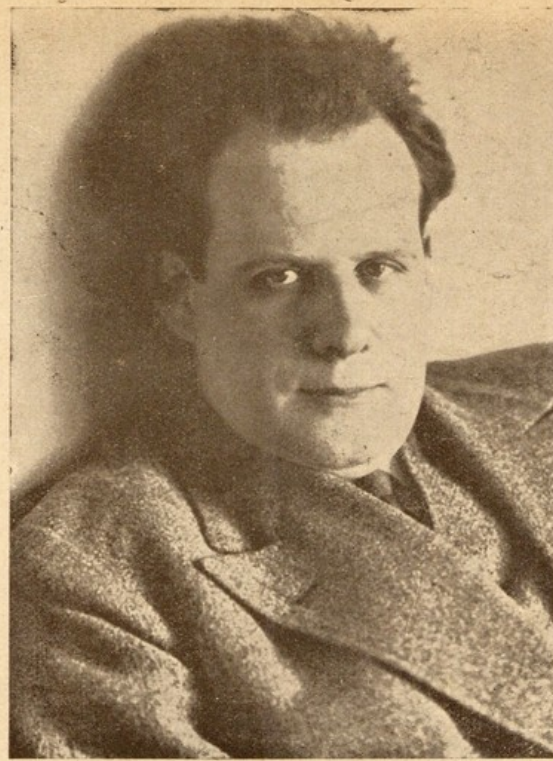
Um filme pôde achar-se correcto e admirável dentro da sua composição cinegráfica, sem contudo atingir a intenção absoluta e materializável do seu autor. É que este, embora espicado pelo brio da arte foi forçado a modificar pontos de vista e a não incluir cenas reprovadas pelos capitalistas como demasiado intelectuais e por consequência geral sem grande propensão para um literal agrado das grandes e onipotentes plateias. O bezêro de ouro impõe-se eternamente à adoração.

O realizador cinematográfico não é pois o que muita gente imagina e o que os folhetos de publicitada procuram infundir na mira de conservar essa auréola resplandecente da Cinelandia, concebida pela imaginação popular dos admiradores do cinema através de certas leituras.

Qualquer empresário antevê na popularidade duma obra literária, antiga ou recente, um belo negócio para sêr explorado em cinema: Logo comunica a sua decisão a um dos seus «metteurs en scène» que lhe riposta e faz vêr a pouca cinematografização do assunto. Mas isso, não impede de realiza-lo, porque se torna imprescindível o aproveitamento dessa expansão literária. Então o realizador mete mãos à obra seguro muitas das vezes dum redondíssimo fracasso sob o ponto de vista cinegráfico, mas êle precisa de ganhar dinheiro para viver, e isto é também muito importante. E depois os «patrões» admitem lá recusas sob qualquer pretexto de pouca arte! Para êles, o essencial é o resultado mirífico dêsse caudal de dinheiro entrando-lhes pela bolsa; pois para outra coisa não empregaram os seus capitais...

* * *

Eisenstein o grande realizador russo, creador dessa inolvidável *Linha Geral*, teve um gesto belo de desprezo pelos magnates da Cinelandia. Foi à America para dirigir um filme e este seria por certo mais um galardão da sua carreira de director; mas esbarrrou ante as imposições de suas Eminencias os capitalistas que pretendiam vêr o filme feito debaixo dos seus conselhos de carácter económico. Eisenstein incomodou-se fazendo-lhes vêr que, ou o filme seria produzido sob a sua absoluta vontade e responsabilidade, ou êle não tomaria esse «frê». — Mas vejamos, acrescentavam-lhe os produtores, «o cinema é essencialmente um negocio». — Pois arranjem então quem lhes convenha, respondeu-lhes o russo. E voltou-lhes as costas embora com certa mágua de não dirigir um filme em Hollywood. Porque trabalhar na Cinelandia é, para tódo o obreiro cinematográfico das



EISENSTEIN

outras cidades e países estranhos, uma satisfação espiritual e talvez mais um capricho. É têr trabalhado na Capital do Filme.

Os americanos, chamando Eisenstein, não pretendiam fazer filmes, como os dirigidos pelo genial director na Rússia. Queriam, sim, atrair mais um nome de pêsso, e alheio, para brilhar nos seus cartazes de domínio internacional. Eisenstein era para êles um negócio e nada mais. Nós já os conhecemos,

E quando todo o mundo bradava, vendo-o vogar em direcção aos Estados Unidos, que Eisenstein não resistia também à tentação do dollar, que ia banalizar-se lá como outros que o precederam, eis que êle demonstra em seguida, plena e inofensivamente a sua inquebrantável independência não só se metendo no jôgo que os *yankees* lhe armavam.

Desceu ao México e ali realizou uma película do seu agrado.

* * *

Outro realizador que se esquia do jugo preponderante de Hollywood, é o notável Eric von Stroheim, considerado o maior valor do cinema, depois de Charlie Chaplin. Mas este tem sofrido constantemente as terríveis consequências da sua indômita independência.

Os seus filmes são dirigidos a golpes de génio, arrastando por um longo e indefinido tempo a realização, introduzindo - lhes frequentes modificações e esalfando os artistas em infinitos ensaios e repetições até conseguir o que idealiza.

Tudo isso absorve rios de dinheiro e irrita os «business men» que, vêndo desperdiçar tanto os seus dollars, acabam por pô-lo de parte, entregando a conclusão rápida do filme a outrem. Moralmente, Stroheim sente-se à vontade, de consciencia tranquila por se esmerar nos seus trabalhos; mas materialmente nota o aguilhão da miséria a espicá-lo impiedosamente.

Tem tido dias em que nos seus bolsos se não encontra um cêntimo e sua esposa chegou a ver-se impossibilitada de sair de casa por não ter qualquer vestido apresentável na rua. Ele mesmo, nessas crises freqüentes da sua vida, chega a andar quasi miseravelmente vestido como poucos de vocês poderão calcular. E adentro do lar, Deus sabe o que se passa...

No entanto, este homem, podia impar de dinheiro, se quisesse subordinar-se aos seus empresários.

Salva-o destas difíceis situações o sêr um actor de extraordinária importância ainda, e trabalhar de quando em quando sob as ordens dos outros que, talvez por respeito à sua competência e reconhecimento pela sua infelicidade, o deixam actuar pela sua própria vontade.

Apesar de tudo êle sente-se pouco livre, apenas nesta fase da actividade cinegráfica. O seu ideal é simplesmente a «mise-en-

scène». A sua pouca sorte não o deixou nunca concluir um filme, verdadeiramente satisfeito. *Esposas Levianas* e *A Marcha Nupcial* (que tem uma continuação em *O Casamento do Príncipe*) foram produções que assinalaram os méritos inconfundíveis do ex-oficial da guarda austríaca, como actor e director.

E são essas que marcam os dias da maior tortura dêsse homem, em face das exigências e da supremacia dos financeiros da Cinelandia.

* * *

Mais um caso dentre os inúmeros que se poderiam citar, respeitantes à submissão dos trabalhadores de Hollywood, é este não menos interessante, oferecendo-nos um flagrantíssimo ensejo de constatar que os outros nomes de relevo (com raríssimas excepções) na «mise en scène» não escapam à imposição dos produtores: *A Multidão*, uma das obras mercantes no decurso da arte do silencio, foi louvada fortemente pelos criticos e bastante apreciada pelo público.

Esse filme descrevendo-nos em imagens de soberba expressão cinematográfica a tragédia dum homem que perde o «ritmo da multidão» teve um desfecho, aceitável para as grandes massas sentimentais, mas que não correspondia ao desejo do seu realizador, King Vidor.

Este pretendia terminá-la logicamente com os dois sêres centrais da acção lutando no redemoínho da inficidade e da miséria. Mas podia lá ser! Os productores quiseram um filme mais «agradável», obrigando o inteligente director de *A Grande Parada* a inventar um acaso providencial da sorte que trouxesse a riqueza e a felicidade (?) aos intérpretes: um prémio dum concurso de palavras cruzadas.

Era preciso deixar o público completamente satisfeito e bem disposto. Vidor protestou baldamente.

As ordens tiveram de ser cumpridas com lágrimas nos olhos dêsse homem que via a banalidade interesseira de Hollywood a tolher-lhe as intenções e a produção onde pusera o máximo da sua alma e talento.

Só pôde trabalhar ao seu agrado em Hollywood, aquêle que sendo realizador é também o capitalista dos seus filmes. Isto explica a razão de tantos artistas da Cinelandia desejarem um dia fazer um filme por conta própria. É que assim não contarão com entraves de alguém, às suas ideias.

Charlie Caplin o expoente máximo, é talvez o único que lá faz o que lhe apetece, conduzindo os seus filmes ao sabôr das suas ideias, porque além de sêr o actor, o autor e director é ainda o capitalista dos seus filmes. Tanto que Charlot só patenteou em absoluto o seu génio quando se tornou independente.

Os que trabalham com o dinheiro dos outros hão-de sêr obedientes, se quiserem viver à



KING VIDOR

custa do cinema. Estes três casos apontados como exemplos convincentes, envolvendo três das mais luminosas figuras da cinematografia mundial, são sintomáticos e bastante elucidativos.

J. ALVES DA CUNHA.

O Cinema vai ao campo...

A paisagem real e pintoresca, um dos mais lindos atractivos do cinema e também uma das suas principais vantagens sobre o palco teatral, de cenários de fancia, tinha desaparecido quasi que totalmente das télas desde que o microfone entrou a trabalhar ombro a ombro com a câmara. E, diga-se de passagem, muita gente se resen-tiu dessa falta...

Mas, se de começo havia certa dificuldade tecnica em se tomarem vistas ao ar livre, com os melhora-

mentos introduzidos depois, reapareceram os filmes de cow-boy, em que, como se sabe predomina a acção em campo aberto. Mesmo nos Estados-Unidos, onde o cinema goza de fenomenal popularidade, havia grande parte de público que estava sempre a lamentar a falta de paisagem nas produções character alheio às correrias do Oeste.

Pois o cinema, que se esforça sempre para contentar o seu público, resolveu sair dos ambitos apertados dos «sets» — resolveu sair ao campo...

«Os aperfeiçoamentos modernos nos aparelhos de registo das fitas sonoras — disse ha pouco Mr. Schulberg, gerente do estudio Paramount da California — permitem-nos hoje trabalhar com segurança debaixo da terra, nos ares, debaixo de agua. Acabaram-se as barreiras intransponíveis. Os filmes tomados ao ar livre são hoje quasi tão comuns como no tempo do cinema silencioso».

Entre os filmes Paramount ultimamente realizados em que figuram lances de paisagem e cenas ao ar livre, conta-se *O Milagroso* (The Miracle Man) no qual figuram Sylvia Sidney, Chester Morris, John Wray e Hobart Bosworth. Assunto outróra filmado sob o nome *O Taurmaturgo* mas a sua versão falada, mais rica em detalhes, ha-de agradar muito mais do que aquela.

A seguir, vem *O Mundo e a Carne*, trabalho forte e bem dirigido, em que veremos o formidável George Bancroft numa das suas inimitáveis interpretações.

Asas Partidas, em que trabalham Lupe Velez, Leo Carrillo e Melvyn Douglas, é outra nova produção de paisagem ao natural.

Ainda no mesmo estilo de filmagem em campo aberto, temos *Uma Certa Mulher*... (Shanghai Express), a bela e movimentada produção de Sternberg com Marlène Diétrich e Clive Brook nos principais papeis.

Como se vê, a paisagem volta à téla... ou, se o preferem, o cinema vai buscar a paisagem, como naquela história de Mahomh ir à montanha...

A fita de exito popular é aquela que pode ser entendida por todos os publicos, em todos os países, — é o que afirma Mr. Groyer Jones, escritor de argumentos no estudio Paramount, na California. O problema reduz-se à acção dos personagens e à sua «personalidade» nos seus diferentes papeis, de maneira que os publicos, de qualquer parte, não só entra logo a simpatizar com as creaturas que se movem na téla, como também com quem as interpreta.

Charles Bickford, que trabalhou em «Oriente de Borneu» e «Dinamite», foi contratado pela Paramount para fazer o galan de «Thunder Below», com Tallulah Bankhead. Paul Lukas é o co-auctor de Miss Bankhead.

A Submissão dos Radores na Cinelandia

Eisenstein, o indiferente — Von Stro indomavel — King Vidor, a victima



VON STROHEIM

As actualidades sonoras.

Sobre tudo Pathé-Journal,

fazem-nos ouvir a cada passo locutores portugueses, explicando

ou comentando o que vemos na tela.

De louvar é, evidentemente, esta iniciativa. Todavia as casas produtoras destes filmes deviam cuidar um pouco mais da competência desses locutores.

Por via de regra ouvimos-los, num tom ridículo e enfático, declamar em estilo de folhetim barato o elogio duma paisagem, fazer a apresentação dum homem ilustre, traçar o perfil dum vulto político ou descrever um desastre.

Enquanto o defeito está apenas na maneira mais ou menos natural de dizer, ainda o mal não é grande; o pior é quando esses locutores dão erros crassos de pronúncia.

Ainda ontem, no *Condes*, ouvi com toda a clareza, um desses senhores falar por duas vezes, na cratera do Stromboli.

O resultado é evidente: gargalhada geral.

Aqui há tempos, no *S. Luiz*, um outro—ou o mesmo—falava também, numa multidão *côsmopolita*.

E como estas, muitas e muitas e mais asneiras se ouvem.

Às legendas mal redigidas e com erros ortográficos sucederam estas *asneiras sonoras*.

Francamente, já estamos na altura de vêr estas coisas tratadas com mais cuidado.

Se o cinema fôsse sempre...ninguém iria ao cinema. um espelho fiel da vida... Esta afirmação descarada,

com tódo o seu ar definitivo

e irreverente de quem não admite ou pelo menos não tem uma réplica, com certeza que não vos surpreende nem vos diz nada de novo.

Toda a gente observou, por exemplo, que o público depois de encher durante semanas consecutivas o *S. Luiz* para vêr o agradável *Congresso que dansa*, depois de acorrer em massa a admirar o mediocre *Rei da Graxa*, quasi abandonou o mesmo cinema durante as exhibições dessa maravilhosa cinematográfica, dessa epopeia da dor e da verdade, desse bellissimo trecho de vida que era *A Tragédia da Mina*.

E o que se deu com este filme, deu-se com outros, com muitos outros, tanto no Porto como em Lisboa.

No *Olympia* dessa cidade, *Assim é a vida* foi pateada; *A Mãe* passou quasi despercebida.

A multidão, o grande público, conhece muito bem os seus defeitos, as suas chagas, os seus pedaços pòdres mas não gosta que lhos mostrem, que lhos apontem, menos por uma questão de pudor do que por uma questão simples de comodismo.

Vão ao cinema para se divertirem, para rir, e não para vêr coisas tristes—dizem elles.

Daqui resulta inevitavelmente que alugadores e exhibidores, cansados de perder dinheiro com filmes de categoria, passam a apresentar-nos uma série de filminhos idiotas, que todavia agradam a quasi toda a gente e provocam assaltos às bilheteiras.

Eu no vosso lugar, raparigas e rapazes, quando apanhasse um filme da categoria de *A Tragédia da Mina*, de *A Ultima Companhia*, de *Matou*, não deixava de o ir vêr, convencia todos os meus amigos a irem também, e embora me aborrecesse imenso, havia de dizer a todos que tinha gostado muito, ao menos para passar por inteligente.

DE LISBOA

Filmes Lisboa tem agora e em exhibição nos seus cinemas principais uma série de filmes agradáveis.

O *Central* tem

exibido *A pura verdade* (Rien que la vérité), um filme da Paramount com Saint Granier e com a deliciosa Meg Lemonier.

Este filme é a odisseia dum homem que por aposta, não diz uma única mentira durante vinte e quatro horas.

Vocês estão a vêr a série de peripécias engraçadas que se dão.

Para passar duas horas com boa disposição é aconselhável.

O *Condes* apresentou *A Amorosa Aventura*, de W. Thiele, com Marie Glory e Albert Préjean.

Um filme que agrada a todos.

Este realizador habituou-nos a termos confiança no seu nome, e não nos tem desiludido.

Marie Glory encanta; Préjean, o actor de sempre.

E' pena que um bocadinho de cantoria a mais que há no meio do filme o prejudique um pouco, pelo menos perante mim.

O *S. Luiz* tem exhibido *Ronny*, um sônhozito agradável.

O *Tivoli* — e para terminar — mostra-nos Marlène Diétrich em *Fatalidade*. Julgo que quasi toda a gente gostou.

Eu todavia, desta vez fiquei um bocadinho desiludido com Joseph von Sternberg.

Lisboa, Março de 1932.

FERNANDO.

A Musica no Cinema

(Conclusão)

sica popular—é a que melhor pode ser utilizada, como caracterizadora do ambiente da acção. Sem se amoldar a qualquer forma classica de uma escola defenida, na sua liberdade expontanea, irrompe e difunde-se na alma do povo, compulsando as paginas da sua história e do seu modo de ser.

Nas melodias selvagens tocadas em rudes e toscos instrumentos feitos de troncos de arvores ou de chifres de animais, reflete-se imediatamente a atmosfera da selva, em seus ritmos descompassados à mistura com os murmurios da fauna e das aguas dos rios.

A música dos povos hispano-americanos é impregnada com o amor à poesia, ao romanticismo...

Na Europa a música popular varia diametralmente como variam os aspectos físicos dos países. França, Espanha e Italia oferecem um solido contraste com a música das raças teutonicas, ou com a de temeraria liberdade dos eslavos ou do estilo semi-barbaro e livre de caracter das provincias russas do Caucaso.

O que fica exposto—em leves conceitos—mostramos bem o quanto de fecunda e produtiva se pode tornar a música no cinema sonoro, quando devida e inteligentemente aproveitada e indica-nos—embora ligeiramente—o inicio de estudo sobre a razão da sua influencia nas massas populares—materia vasta e digna de maiores referencias, da qual nos ocuparemos oportunamente.

TOMAZ D'ALENCAR

FOTOGRAFIA GUEDES

O MAIS COMPLETO ATELIER FOTOGRÁFICO

NEVES GUIMARÃES

346, Rua Santa Catarina, 350. Telef. 2680



ANNY ONDRA, a engraçada protagonista da cine-opereta em francês - "Anny na Alta Roda,, que no dia 23 se estreia no Aguiã d'Ouro

A Tragedia da Mina

Nesta e em outras revistas já se disse de *Tragédia da Mina* quasi tudo o que havia a dizer. Por isso, falar ainda dêste filme de excepcional valor sem repisar o caminho seguido pelos que me precederam, não é empresa fácil. Todavia, não só nunca será demais que se erga bem alto o último trabalho de Pabst, nem tão pouco o meu entusiasmo por *Tragédia da Mina* permite que me conserve calado.

Pabst não se limitou a fazer de *Tragédia da Mina* uma composição cinematográfica tecnicamente impecável. (E não é do lado propriamente cinegráfico que me ocuparei, porque outros já lhe enaltecerao suficientemente as grandes qualidades que encerra.) Pabst foi mais longe. Ergueu diante de nós diante do mundo inteiro, uma obra humaníssima como raras tem surgido na cinematografia mundial.

Dantes nutria por Pabst uma larga admiração nunca desiludida. Hoje venero-o.

Pabst não procura oferecer-nos filmes recreativos, ôcos e insensatos, que venham ajudar a digestão das turbas que acorrem aos cinemas. Não quiere fazer da arte das imagens em movimento um réles business. Ao mestre não lhe importam, mais do que as formigas que esmaga debaixo dos pés, essas gentes que ao cinema vão procurar as côxas nûas da Marlène, as cançonetas de Milton, a elegância da Jeanett Mac Donald ou a virilidade do Gary Cooper. Pabst não conta historietas. Apresenta um caso e desenvolve-o com superioridade de espirito; apresenta uma ideia e defende-a com argumentos convincentes e elevados.

Nos tempos do silencioso, Pabst focou as profundas duma sociedade. Hoje fôca em cheio a humanidade toda.

Vejam *4 de Infantaria*, que eu continuo considerando o melhor filme da guerra até agora realizado. Vejam *Tragédia da Mina*. Em *4 de Infantaria*, Pabst dá

a primeira grande chicotada a uma infâmia universal: a guerra. Em imagens pungentes, dolorosas, opressivas, atira-nos para o inferno das trincheiras, onde homens (?) vivem empapados em lôdo e em sangue sob um chuveiro medonho de ferro, de pedras, de terra, chacinando-se inconscientemente uns aos outros, porque meia dúzia de priverigeados hipócritas assim o determinaram para seu proveito próprio. Mostra-nos a guerra nos seus mais horríveis aspectos e revela-nos tudo o que de monstruoso e infamante ela encerra. Mostra-nos a guerra para nos ensinar a fugir dela, para nos ensinar o caminho da paz.

Em *Tragédia da Mina* é o mesmo ideal que Pabst defende. Aqui os seus intentos não são menos largos. Já não ataca a guerra directamente, mas pugna pela fraternização universal daqueles que trabalham e dá o primeiro rude golpe nessa muralha convencional que, separando os povos, os leva a desconhecem-se e por essa razão, mais do que por outras, a odiarem-se. O final que Pabst procura atingir, e que atinge num rasgo que entusiasmo, é dos mais sérios e dos mais nobres. Pena é que Pabst batalhe quasi sósinho no meio de comerciantes que fazem do cinema um negócio ordinário.

Não vejamos nisto um desejo meu de querer sempre obras tão rudes, tão incisivas como *4 de Infantaria*, como *Tragédia da Mina*. O cinema tem também escancaradas diante de si as portas larguíssimas da poesia e do sonho.

Apenas lamento que os senhores supremos do cinema só raramente transponham essas portas, preferindo ficar eternamente enterrados na baixeza, na vulgaridade e na parvoíce!

Pabst é uma rara excepção, excepção que *temos o dever* de amparar fortalecendo-a com os nossos aplausos!

ALVES COSTA.

Virginia Bruce filmada em "Noiva do Azul,"

Noiva do Azul é a tradução provisória de *Sky Bride*, novo filme Paramount que está quasi terminado, sob a direcção de Stephen Roberts.

Virginia Bruce é um gracioso pedaço de mulher, que pertenceu ao teatro de Florenz Ziegfeld, o monopolizador das mulheres bonitas de Nova York. Pois Miss Bruce é essa linda «noiva do azul». Mas, por quê do «azul»?

Pela simples razão de que o filme tem muito que ver com aeroplanos, e a noiva de um aviador pode muito bem, sem ofender as regras da boa concordancia, chamar-se noiva do azul. Já não disse um poeta hespanhol que «a força da consonancia nos obriga a dizer que é branca a formiga»?

Pois, nada mais natural—A Noiva do Azul...

Miss Bruce, que tem como galan o simpatico Richard Arlen, começou a sua carreira artistica o palco. Trabalhou primeiro na revista *Whoopee* de Eddie Cantor e, depois, nas «follies» de Ziegfeld.

BONUS

AGUIA D'OURO
PASSOS MANUEL
O L Y M P I A
O D E O N

Oferecido aos leitores da INVICTA CINE pelas Ex.^{mas} Empresas dos Cinemas:

50 % de desconto em todos os lugares na matinée do dia 26 de Março de 1932.

50 % de desconto em todos os lugares na matinée do dia 24 de Março de 1932.

50 % de desconto em todos os lugares nas matinées dos dias 24 ou 26 de Março de 1932.

50 % de desconto nos lugares de Fauteuilles e Balcão no dia 26 de Março de 1932.

COMENTARIOS...

NA época já memorável dos vestidos de anquinhas e das saias de balão, era a carreira teatral um tanto ou quanto duvidosa para as mulheres. As actrizes, pelo menos nos centros familiares, eram sempre olhadas com certa suspeita.

Não sabemos se, pela divulgação do teatro, esse preconceito se tenha mudificado um pouco; o que parece é que foi o cinema, que espalhou pelo mundo o gosto pelas diversões teatrais, visto como o cinema é, segundo já disseram alguns escritores, «o teatro levado ao plano vertical», que muito concorreu para que a mulher, como figura teatral, goze hoje de uma reputação em nada prejudicial à sua dignidade.

Foi isto, mais ou menos, o que disse Mlle. Claudette Colbert a um reporter que a entrevistou sobre o seu filme, «Sensation», no qual tem Edmund Lowe o principal desempenho masculino. «Outrora era o palco visto com maus olhos e no teatro não havia nenhuma mulher—fóra das actrizes casadas e que viajavam com seus maridos—que não sentisse pesar sobre si o manto das suspeitas de todo o mundo. Nenhuma família de respeito permitia que as suas filhas escolhessem o teatro como profissão. Tinham as raparigas que fugir de casa, se queriam dar-se ao palco, mas isso constituía sempre graves e escandalosos desgostos para os seus pais. E quando éstes conseguiam dominar a situação, ia a fugitiva acabar os dias nas salas esconsas dos conventos

«Os famosos Brummels daquela época afrontavam; às vezes, a sociedade, levando pelo braço respeitabilíssimas mulheres do tablado; mas isso jámais decidiu da sua reabilitação social. Quanto a mim, concluiu Mlle. Colbert, sinto-me perfeitamente satisfeita em ter escolhido a profissão de actriz, aliás, a unica que desde pequena me atraíu».

A crítica na imprensa diária, vai entrando na regularidade, quando mais não seja na oportunidade com que é feita.

Os filmes estreados na última semana, nos cinemas portuenses, foram comentados nos diversos jornaes, até quarta-feira.

Como os nossos colegas vêem, a «coisa» não é tão difícil como pensam... basta um pouco de boa vontade.

SEGUNDO nos consta, uma emprêza cinematográfica portuense fechou contracto para a exhibição no Pôrto do filme «Luzes de Buenos Aires» que tem merecido da imprensa estrangeira os mais rasgados elogios.

Como os nossos leitores constatarem, vamos ter enesejo de ver no fecho da actual temporada filmes de extraordinário valôr.

A crise que actualmente o cinema atravessa é uma das mais críticas que êle tem sofrido, e que por conseguinte deve merecer da parte de todos nós a máxima atenção.

O público, mostra uma exigência extraordinária na escolha dos filmes, mas é bom recordar-se que a produção não pode, infelizmente, manter sempre o mesmo nível.

Outro ponto a evidenciar é o facto do cinema em Portugal, apesar de vários protestos do público, ser um dos mais baratos da Europa, e, portanto, não é justo exigir mais sacrificios às emprêzas exhibidoras que, na maioria estão fazendo enormes esforços para estabelecer um equilibrio capaz de lhes puder dar o desejado «socêgo» material.

As dificuldades que nós passamos são geraes em tôdas as nações, no entanto, o público, na maioria, ao contrário do nosso, é mais benévolo nas suas apreciações e não exigem aquilo que se não pode dar. E' dum auxílio mútuo entre o público e as emprêzas que



Marc Dantzer e Kathe von Nagy os protagonistas da cine opereta «Ronny» (A Princesa Encantadora)

deve nascer um relativo equilíbrio que incite os nossos cinegrafistas a abalançarem-se a grandes cometimentos.

ESTE conselho de Fritz Lang, dámo-lo aos nossos leitores com ideias dum dia debutarem na «mise en scène», e mesmo aos nossos actuais realizadores:

«Se querem dedicar-se à «mise-en scène», não comprem nunca um automóvel. Tomem sempre o «metro», o «autobus», ou andem a pé. Observem sobretudo, e de bem de perto, as pessoas que vos cercam. Um realizador deve conhecer bem os hábitos e os gestos familiares das pessoas que frequentemente êle dirige nos seus filmes».

No nosso país só o podem seguir à risca, aquêles cujas bases financeiras não permitam esse meio de transporte. Porque os outros até acham muito fino — e dá um ar de importância — andar sempre de automóvel. E então se se vai ao volante!...

Pois as fotografias da América não nos trazem as grandes vedetas, e todos os nomes de relêvo na cinematografia, sempre ao lado e até dentro de esplendidos Rolls-Royces??...

A introdução do filme na Suécia tornou-se impossível

O parlamento suéco elevou bruscamente os direitos de importação do filme cinematográfico impressionado de 0,80 Kr para 13,80 o que equivale a um aumento de 1 a 20.

Os cinemas suécos, em virtude de tal medida, encontram-se numa situação deveras crítica. Esta decisão do Governo foi tão rápida e inesperada que as organizações corporativas não tiveram tempo de fazer a menor opposição. As salas cinematográficas suécas estão arriscadas muito seriamente a ficar sem filmes suficientes para o seu consumo.

(da Agence d'Inf. Cinégraphique)



Carlos Gardel

Cantará dentro em breve para o público do Porto no notável fonofilme «Luzes de Buenos Aires», uma produção de grande espetáculo, vibrante e apaixonada como a alma dum tango.

Em «Luzes de Buenos Aires» conta-se a história de uma linda rapariga, de cabelos negros e olhos profundos, cheia de ambições de glória, que lhe fazem desprezar loucamente o amôr, para ir em busca aventurosa da fama e do dinheiro a uma grande cidade que a magnetiza com a força irresistível da tentação.

Carlos Gardel é o noivo desdenhado que tudo desafia para conquistar de novo o carinho dessa mulher que o abandonára, seduzida pela quimera do ouro.

«Luzes de Buenos Aires» é um lindo filme musical salpicado pelas melodias típicas, sensuais e melancólicas de Mateo Rodriguez, a que a famosa orquestra argentina de Júlio de Caro empresta extraordinário brilho.

«Luzes de Buenos Aires» é uma das melhores produções saídas dos estúdios *Paramount* de Joinville, cujo valor se deve, sem duvida, ao esforço de Adalqui Millar realizador de comprovada competencia.

O tango, é em «Luzes de Buenos Aires» um intérprete sentido das emoções dessas figuras humanas e verdadeiras que Carlos Gardel e Sofia Bozan superiormente encarnam.

Alguns minutos de palestra com o novo gerente do cinema *Águia d'Ouro*

Vocês dão-nos licença que vos apresente o Snr. Dias Pereira?

E' que nós temos muitíssimo gosto em dar-vos a conhecer uma pessoa que nos distingue com a sua amizade e que acaba de tomar a ombros o encargo pesado e cheio de responsabilidades que representa a gerencia duma casa de espectáculos como o *Águia d'Ouro*, cinema que o público tem inteligentemente honrado com a sua preferência, preferencia aliás justa e nunca desiludida.

Dias Pereira, é um rapaz altamente simpático, de porte distinto, de trato amável, com quem apetece passar momentos de palestra.

A posição que ocupa, parece não o orgulhar, e é justamente a sua maneira afável que atrai e conquista rapidamente uma agradável impressão de simpatia.

Tendo chegado até nós noticias vagas sôbre possíveis futuras modificações que o *Águia d'Ouro* iria sofrer, pensamos que seria interessante colher de fonte limpa informes claros, para oferecer em primeira mão áqueles que nos dão a honra de nos ler.

Numa destas últimas noites de primeira, que enchem a sala do *Águia* de lindos róstos femininos, que nos intervalos apetece admirar, fomos ter com Dias Pereira e pedir-lhe para a nossa revista a primazia de dar a público a agradável revelação dos grandes intentos que a empresa do *Águia d'Ouro* levará a efeito no mais curto espaço de tempo.

Fala o Snr. Dias Pereira:

E' verdade, meus caros amigos. Dentro em pouco o *Águia* transformar-se-á completamente:

O respectivo projecto de transformação é elaborado pelo distinto artista, Snr. Cassiano Branco, uma das maiores competências do nosso país em assuntos de arquitectura moderna.

A plateia do *Águia d'Ouro* ficará nivelada com os corredores, desaparecendo assim as inestéticas *calçadas* que existem em todas as entradas do salão.

As frisas serão substituídas por outras mais elegantes e que ficarão em redor de toda a sala.

As actuais cadeiras, embora todos concordem que são as melhores e mais comodas das nossas casas de espectáculo, serão também substituídas por outras muito superiores.

—Quando começa essa transformação, interrogamos?

Ainda não sei. O que lhes posso afirmar é que no princípio de Outubro, ou seja na abertura da nova época, o simpático público do Porto já encontrará mais comodidade e luxo no *Águia d'Ouro*.

Como veem, não nos poupamos a esforços de espécie alguma, para bem servir aquêles que nos honram com a sua preferência.

—Que nos diz sôbre novos filmes a exhibir?

—Embora ainda não me seja permitido tornar público do nome de todos os filmes marcados, podem, no entanto, anotar os seguintes: «Anny na Alta Roda», uma encantadora cine-opereta com a graciosa Anny Ondra; «Inspiração», a maior criação arística da famosa Greta Garbo, destacando-se ainda Lewis Stone e Robert Montgomery: «Com o fogo não se brinca», a mais luxuosa comédia francesa com Alice Cocca e André Roanne; «Traição», o super filme de Eric Pommer para a «Ufa» que em Paris tem obtido um exito retumbante, superbamente interpretado pela encantadora Odette



DIAS PEREIRA

Florelle, Charles Boyer e Marcel Vallee; «Luzes de Buenos Aires», a maior produção editada pela *Paramount* nos studios de Joinville, que toda a imprensa estrangeira tem elogiado, sendo desempenhada pelo consagrado artista argentino Carlos Gardell; «O Espectro Verde», um filme cheio de mistério e emoção, realizado por Jacques Feider; «O Alegre Madrid», uma interessante produção da M. G. M., interpretada pelo conhecido artista Ramon Novarro; «Dois minutos de automovel (Paris Mediterraneo)», com Jean Murat e a cantora Annabella; «Rodopio da Vida», «Os cavaleiros da montanha», etc.

Dentro de alguns dias, terei muito prazer de lhes fornecer uma nova nota de produções de grande exito.

Chamem também á atenção dos vossos leitores que a empresa do *Águia d'Ouro* tomou o exclusivo de exhibição de todos os documentários produzidos pelo jornal o «Seculo», filmes êsses de grande actualidade e de justificado exito.

A campanha anunciava o fim do intervalo.

Não tínhamos o direito de continuar a importunar o nosso amável entrevistado.

Despedimo-nos, satisfeitos pela forma atenciosa como Dias Pereira nos recebera...

A *Paramount* comprou um programa de várias fitas de Constance Bennett, feitas pela RKO Pathè. A mais recente produção de Miss Bennett é «Lady with a Past», assunto social de grande realce. No mesmo programa figura o filme «Prestígio», passado na Indo-China e no qual figuram Ann Harding e Adolfo Menjou.

A nova fita de George Bancroft chama-se «Mundo e Carne» e, segundo dizem, focaliza-se na Rússia, durante uma revolução.

Olympio Guilherme, que nos representava em Hollywood, abandonou recentemente esta cidade, regressando ao Brasil, seu país natal.

PARA JÁ:

As grandes produções sonoras
com que a casa CASTELLO LOPES, L.^{DA}
acaba de enriquecer o seu formidável stock:

UMA AVENTURA AMOROSA

(em francês) com Marie Glory e Albert Préjean.
Realização de Wilhelm Thiele

O MISTERIO DA CASA FORTE

(em alemão) com Harry Piel e Dory Holm. Realização de Harry Piel.

ANJOS DO INFERNO

(em inglês e em alemão) com Jeanne Harlow, Ben Lyon e James Hall. Realização de Howard Hughes.

NOITES DE VENEZA

(em francês) com Roger Tréville, Janine Guise e Lucien Callamand. Realização de Robert Wiene.

QUE VIUVA!

(em inglês) com Gloria Swanson. Realização de Allan Dwan.

O REI DA BANDA

(em francês) com Georges Milton. Realização de Léon Mathot.

A VIRTUDE DE NICOLE

(em francês) com Alice Cocéa e André Roanne. Realização de René Hervil.

A FERA AMANSADA

(em inglês) com Douglas Fairbanks e Mary Pickford. Realização de Sam Taylor.

UMA MULHER NO PARAÍSO

(em francês) com Anny Ondra. Realização de C. Lamac.

A MULHER DE UMA NOITE

(em francês) com Francesca Bertini e Jean Murat. Realização de Marcel l'Herbier.

O REI DIVERTE-SE

(em francês) com Émile Chautard e Françoise Rozay. Realização de León d'Usseau e Henry de La Falaise.

A CORRIDA PARA A LUA (TÍTULO PROVISÓRIO)

(em inglês) com Douglas Fairbanks e Bebe Daniels. Realização de Edmund Goulding.

UM VILÃO DESMASCARADO

Por ORITA LAGE

John Miljan encontrava-se no seu jardim tratando das flores e arvores que ele tanto aprecia.

«Alô, como vai passando?» recebeu-nos alegremente, logo que entrámos, «veja aquelas flores. Não é verdade que são lindas?»

«Que cumprimento exótico por parte do primeiro vilão da tela», replicamos. «Se se descuida, alguém poderá ter a brilhante ideia de o fazer herói.»

«Nem por sonho, estou sempre alerta. Pois eu gosto imensamente de ser vilão nos filmes; deste modo, o trabalho nunca se torna monótono. O herói é sempre herói, mas quando se é vilão, tem-se oportunidade de interpretar quasi todos os tipos de papeis como milionário, bandido, fiscais cruéis e muitos outros personagens.»

«No ano em que principiei a trabalhar no cinema, o tipo de vilão era o jovem alto, moreno e delgado. Se tivesse principiado a minha carreira em outra época, talvez tivesse sido rotulado de herói. Tudo é questão do capricho do publico.»

Revisando a lista dos diversos papeis que Miljan tem apresentado desde que principiou a trabalhar no cinema, constatamos que ele tem caracterizado uma grande variedade de personagens tirados de to as esferas da vida. Recentement , contudo, tem demonstrado a versatilidade do seu talento em papeis que requerem campo ainda mais vasto de caracterização. Mas, vilão ou não, não se pode deixar de gostar de Miljan.

A história da vida de Miljan parece um conto tirado de algum emocionante livro de aventuras. Alguns anos passados, um casal, que era os pais de Miljan, abandonou a cidade de Reguss em Dalnatin onde vivia, e emigrou para os Estados Unidos afim de fazer fortuna. Metidos num vagão do caminho de ferro, eles seguiram a estrada dos que vão à procura do ouro, através do Oeste, que fica tão longe numa pequena cidade chamada Load, que está situada nas frigiditas e desertas colinas do South Dakota.

Foi neste lugar que John Miljan nasceu e passou os dois primeiros anos da sua vida. Sua mãe que nunca se poudé curar da nostalgia que sentia pelo seu país, morreu deixando John e seu pai sózinhos, Seu pai então internou-o num instituto de meninos que era dirigido por irmãs de caridade, onde John permaneceu durante dez auos.

Provavelmente Miljan teria continuado ali até que estivesse crescido e teria seguido a carreira de padre com o transcorrer do tempo, se não se tivesse metido numa questão com um dos outros rapazes. Miljan explicou:

«Um dos maiores privilégios que todos os rapazes ambicionavam ter nesse instituto, era guiar o carro em que ia o sacerdote através da estrada para rezar missa nas povoações vizinhas. Todos os rapazes tinham a sua vez nessa missão. Isto significava um dia inteiro de folga e um almoço apetitoso em alguma granja da estrada.

Sucedeu, porém, que um dos rapazes me tirou a vez e eu decidi não lhe perdoar a partida. Quando ele voltou da sua missão, tivemos uma grande cena de pancadaria.

Puseram toda a culpa em mim por ter principiado a questão e as autoridades da escola resolveram castigar-me. Não levando a bem esta decisão, fugi e fui reunir-me ao meu pai.

O ponto decisivo da minha vida foi o dia em que assisti à representação de «A Cabana do Pai Tho-

mas». Desde esse dia fiquei fascinado pelo teatro, do qual, até então, não fazia a menor ideia. Foi mais ou menos como o amor à primeira vista, por assim dizer. Resolvi ser actor de qualquer modo. Daquele dia em diante todos os momentos que tinha livres (pois eu frequentava a escola) aproveitava-os fazendo algum trabalho extra no teatro da opera da localidade. Com a idade de catorze anos fugi novamente. Uma companhia de cómicos ambulantes tinha estado na cidade, e quando foi embora acompanhei-a. Trabalhei três anos nessa companhia sem receber nenhuma remuneração.

Foi só depois da guerra que c mecei a pensar no cinema. Tinha ouvido uma quantidade de histórias a respeito de Hollywood e então a minha curiosidade foi despertada. Renunciei a companhia em que trabalhava e resolvi experimentar a minha sorte em Hollywood. Como vêem, eu pensava que pelo facto de ter trabalhado numa companhia de *tourneés*, não teria dificuldade alguma em conseguir trabalho como actor nos filmes.

Mas ao chegar a Hollywood, compreendi que tinha sido demasiado optimista. Não havia nenhuma perspectiva em vista. Andei de estudio em estudio sem conseguir passar além dos departamentos de elencos. Eu era sómente um João Ninguem, um simples desconhecido na Cinelandia.

Desiludido por completo, decidi finalmente voltar ao palco. Certo dia, indo ao departamento de elencos dos Estudios da Fox, afim de me despedir duma jovem que tinha sido muito minha camarada, tive a sorte de me encontrar com o director do filme «Love Letter's», de Shirley Mason, que estava nesta ocasião no escritório. A minha amiguinha apresentou-me. O director sympathizou comigo e, fez-me tirar uma prova cinematográfica, a primeira até então que tinha tirado. O resultado foi um papel de vilão no filme de Shirley Mason e daí por diante tenho trabalhado permanentemente.

«Bom», disse-nos Miljan. «Julgo que lhes conte tudo o que tinha a contar, e se não se incomoda, vou continuar a tratar das minhas flores. Por ser vilão na tela não quer dizer que deva descuidar o meu jardim. Não acham?»

Sari Maritza, uma das mais ilustradas artistas europeias, foi contractada recentemente pela Paramount.

Maritza que conta actualmente vinte e um anos de idade, fala correctamente francês, inglês, alemão e chinês.

A familia de Thomas Edison, autorisou John Goodrich a realizar um filme baseado na história da vida do grande inventor.

Em Budapest está-se manivelando o filme *Um filho da America* para a empresa «Osso», inspirado na famosa comédia de Pierre Veber e Marcel Gerbidon.

Albert Préjean e Annabella são os protagonistas. Maurice Orienter é o realizador desta nova produção.

No dia 15 deste mês realizou-se a festa anual dos exhibidores franceses cujo rendimento será vertido a favor da «Mutuelle du Cinema» e da Maison de retraite d'Orly.



JOHN MILJAN

Janine Leclair, a mais formosa de todas as empregadas de uma agência de viagens, esta encarregada do serviço Veneza—Itália, e, através do seu «guichet», durante o dia, tristemente vê correr entre os dedos os bilhetes azues e côr de rosa que os clientes adquirem por alto preço para as suas magnificas vigiaturas à velha cidade dos «doges», em invejáveis escapadas de prazêr e de amor...

Janine, dominada por uma profunda melancolia, sô-nha com essa terra longinqua, de maravilhosa beleza, de romantica evocação... E sente-se escrava daquele «guichet» acanhado, daquela agência que lhe prende os movimentos, daquela vida monotona e pesada, que nem sequer lhe permite o vôo da fantasia... Jamais consultará para seu uso o horario dos comboios de luxo, jamais experimentará os seus próprios conselhos—os conselhos que dá a cada viajante feliz...

Não falta quem a convide, quem a perturbe diabolicamente, numa tentação irresistivel, mas Janine, heroica no seu sacrificio, resiste a todas as seduções, a todos os sortilegios, e prefere resignadamente o seu modesto logar ao logar equívoco de uma duvidosa companheira de viagem...

No entanto, um dia, a sorte mostra-se-lhe favoravel. Num concurso de dactilografia, Janine ganha o primeiro prêmio, graças à agilidade dos seus dedos, à tenacidade do seu esforço... E recebe 30.000 francos—e é glorificada num vibrante discurso, numa perfumada chuva de flôres.

Possuidora da inesperada fortuna, a humilde rapariga decide consagra-la à viagem dos seus sonhos—a Veneza. Mas, a exemplo das grandes damas, que se fazem acompanhar sempre de um secretario particular, Janine procura, por meio de um anuncio, um rapaz sério e de boas maneiras, digno de exercer tão delicadas e complexas funções. Esse rapaz aparece—Jacques Darmont. Rico, extremamente simpatico, quasi sempre adormecido pelo «champagne» até às 3 horas da tarde. Dautmont, arrastado para uma aventura galante, lê o anuncio e apresenta-se a Janine.

Nenhuma qualidade lhe falta para «cicerone», para «interprete», para secretario. Tem audacia, tem fantasia, tem distincção—e, sobretudo, fala perfeitamente o italiano. E' porfim contratado, mediante a recomendação telefonica de um certo senhor Williams, que não é outro senão o seu criado Williams, cumplice da farça.

«No «sleeping» em que viaja, Janine deixa-se arrebatar pela loucura da sua felicidade. Alguns incidentes cómicos reúnem, no decorrer da noite, Janine e Jacques em pijama sumário. E tudo para ela é encantador e inédito: as malas, as peripécias do trajecto, o pijama de sêda, o proprio «sleeping»...

Jacques, que viaja com o seu criado Williams, vê-se

na necessidade de o apresentar como seu antigo patrão o mui circunspecto senhor Williams...

Finalmente—em Veneza! Jacques e Janine passeiam agora nos lindos canaes, resplandecentes de sol, entre o canto nostalgico dos gondoleiros. Póostos diante de um panorama surpreendente, o seu olhar inquieto abrange o Grande Canal, a Praça de S. Marcos, o Campanario e o Palacio dos Doges.

Na peugada de Jacques e de Janine também nós percorreremos os mais formosos locais de Veneza. Jacques revela-se um habilissimo guia, embora às vezes exageradamente amavel eterno... De noite, vi-

sitam os «cabarets» populares e os «dancings» sumptuosos. Num, encontram o célebre cantor Eurico Tonelli, que parece vivamente tocado da muda admiração que Janine testemunha pela sua voz quente e apaixonada. E os dois ali encontram também «o sr. Williams» em bôa e aprazivel companhia, fumando os charutos do patrão. Um apulento titular estrangeiro persegue Janine como amáveis assiduidades, convida-a a dansar, envia-lhe flôres e passeia-a em gondola, com grande desespero de Jacques, cujo ciúme muito diverte Janine.

Mas êle terá a sua vingança. Janine encontra-o, um dia, em animada conversação com a sua antiga amante, de passagem por Veneza.

Surge o despeito, e, apesar das explicações de Jacques, a pobre rapariga chora copiosamente. Desfeito o equívoco, entre êle e Janine esboça-se um idílio encantador...

Terminaram os oito dias de licença de Janine. E' preciso regressar à agencia, tanto mais que o dinheiro havia já desaparecido.

Entrando, de surpresa, no quarto de Jacques, Janine vê «o sr. Williams» em atitude de engraxar o calçado do seu patrão. Williams comete «gaffes» sôbre «gaffes», e Janine, desesperada, julgando Jacques um seductor vulgar, à caça de dotes, deixa o hotel e volta sózinha a Paris, numa carruagem de terceira classe, com o coração despedaçado. Entretanto, Jacques, que ama loucamente a rapariga, admirado com a sua partida brutal e imprevisita, persegue-a por toda a parte, utilizando canôas-auto móveis, auto-estradas e caminhos de ferro. E é finalmente na agencia de viagens, através do seu acanhado «Guichet», que Jacques

vai de novo encontrar Janine, a sua querida Janine, de sorriso nos lábios, um amargo sorriso de penosa dissimulação... Como ela recuse reconhece-lo, ou pelo menos falar-lhe, Jacques pede-lhe dois bilhetes: «para si e para sua mulher.»

Perante este golpe, Janine trai a sua angústia—e, então, Jacques supplica-lhe que consinta em ser sua esposa...

Emocionadíssima, Janine hesita mas afinal aceita—e os dois, na doce visão de uma felicidade definitivamente conquistada, outra vez escolhem Veneza para a viagem de nupcias...

NOITES DE VENEZA

NA PROXIMA SEMANA

— NO —

AGUIA D'OURO

FOTOGRAFIA GUEDES

O mais completo atelier fotografico

NEVES GUIMARÃES

Sempre os

maiores

sucessos

Sociedade

Geral de

Filmes, L. ^{DA}

CASTELO LOPES, L.^{DA}

apresenta na proxima
2.^a feira no cine

AGUIA D'OURO

a encantadora
comédia musical
cuja acção decorre
na mais linda
cidade do sonho

Noites de Veneza

Super fonofilme com:
Roger Tréville, Janine
Guise, Lucien Calla-
mand, Maxudian, etc.